

O ENVOLVIMENTO DOS JOVENS NAS *PANDILLAS* LATINO-AMERICANAS: O CASO DAS *MARAS* SALVADORENHAS

Resenha do documentário *La Vida Loca*.

Direção: Christian Poveda, 2008.

Ana Clara Cunha Sisterolli¹

*Por las calles muy despacio pasa un carro, es policía
Las pandillas de mi barrio van corriendo em las esquinas
Conviviendo com La muerte sin saber cuando te toca
Basta cuando por tu historia viviendo la vida loca...
(LA VIDA LOCA, 2008a).*

O documentário *La Vida Loca* (2008b), do jornalista Christian Poveda, apresenta a realidade dos jovens salvadorenhos que fazem parte das *pandillas*², também conhecidas como *maras*³ em alguns países, como em Honduras, na Guatemala e em El Salvador. O vídeo exhibe, com realismo e crueza, o dia-a-dia dos jovens pertencentes à *Mara Dieciocho* (M-18), umas das principais *pandillas* da América Central e do mundo, ao lado de sua principal rival, *La Mara Salvatrucha*⁴, (MS- 13)⁵. A *Mara Dieciocho*, também conhecida como *18th Street Gang*, e *Barrio 18*, tem essa denominação em razão de ter surgido próxima a 18th Street e a Union Avenue, em Rampart, Distrito de Los Angeles, tendo sido criada por mexicanos na década de 1960 e a primeira gangue a aceitar membros de outras etnias e nacionalidades, como os imigrantes salvadorenhos. Já a MS-13 foi criada na década de 1980 propriamente por

¹Graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Uberlândia e mestranda no PPCIS-Uerj.

²*Pandillas* é como são chamadas as gangues nos países latino-americanos de idioma espanhol.

³A palavra *Mara* significa grupo de amigos ou grupo de pessoas. (LIEBEL, 2002).

⁴“Salvatrucha” é um termo popular usado para designar os salvadorenhos.

⁵ Conforme Emílio Maille, coprodutor de *La Vida Loca*, Poveda queria retratar ambas as gangues no documentário, mas conseguiu o consentimento apenas da M -18, de que trata o filme. (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 2009).

esses últimos, que emigraram para Los Angeles em razão da guerra civil em El Salvador⁶. Ambas as gangues atuam nos Estados Unidos, no México e nos países centro-americanos, donde mantêm sua vinculação identitária⁷. Para marcar o pertencimento às *maras*, seus membros costumam cobrir seus corpos e faces com os números e letras respectivos da sua gangue (MS-13 ou M-18), além de outros símbolos e expressões que representam a identidade da *pandilla*, sua *placa*: “*Tatuado bajo El cuerpo la placa de la pandilla*”(LA VIDA LOCA, 2008a).

As cenas do documentário retratam a dramaticidade da rotina de vida desses jovens *mareros*, como são chamados os jovens pertencentes às *maras*: seus vínculos familiares, marcados pela ambiguidade do amor e do desafeto; seus conflitos pessoais, divididos entre a esperança e a frustração, o medo e o enfrentamento; a perseguição dos policiais e seus percursos pelo sistema judiciário e prisional; a solidariedade entre eles e a vizinhança, na dor e nas necessidades; sua exclusão a direitos fundamentais, como o registro civil; suas marcas físicas e emocionais oriundas dos confrontos com as forças policiais, os *Sombra*⁸ e as gangues rivais e sua fidelidade à *mara*, notória na dor e no respeito dos companheiros mortos em confrontos. Também são exibidas as iniciativas frustradas da polícia e do governo de coibir as ações desse grupo, a difícil tentativa de uma ONG assistencial que tenta recuperar os jovens por meio do acesso ao trabalho e as incursões evangelizadoras de pastores e missionários cristãos nas prisões e centros de internação, cuja conversão dos *mareros*, quando acontece, costuma se limitar à vivência no cárcere.

O documentário exhibe, em particular, momentos reais das histórias de vida de alguns desses jovens, dentre os quais, três acabam sendo assassinados ao longo das gravações e suas mortes são mostradas no vídeo, seus cadáveres filmados, assim como os ritos funerais e médico-legais. Uma dessas mortes é especialmente trágica, pois ocorre justamente quando uma jovem mãe tem sua autoestima e motivação reanimadas, após a realização de uma cirurgia para retirada de uma bala alojada em seu olho esquerdo. Por fim, o documentário

⁶O conflito armado salvadorenho durou doze anos (1980-1992) e foi responsável pela morte de cerca oitenta mil pessoas e 1,5 milhões de refugiados. (ROQUE, 2009). Com o final da guerra, as *mara* se fortaleceram com a repatriação dos seus membros pelos Estados Unidos. Todavia, mantêm muitas de suas lideranças e milhares de membros no seu país de origem. (RIBANDO, 2014).

⁷Estima-se que no ano 2000 havia entre 30 e 35 mil jovens salvadorenhos pertencentes às *maras*. (BALLESTEROS DE VALDERRAMA *et. al*, 2002).

⁸Grupo de extermínio salvadorenho, criado para eliminar os *mareros*.

termina com uma cena especialmente chocante aos desavisados, o rito de iniciação de um jovem à *Mara Dieciocho*, que consiste em suportar uma sessão de espancamento pelos membros da gangue por dezoito segundos, sem reclamar ou se acovardar.

Mas, o que significam essas gangues e, particularmente, o envolvimento dos jovens nesses grupos, notoriamente conhecidos e temidos por sua violência?

De acordo com Liebel (2002), a opinião pública, informada pela mídia sensacionalista, considera as gangues como agrupamentos juvenis que têm em comum apenas atos de violência, delinquência e criminalidade, exigindo das autoridades públicas que as tratem com repressão e mãos fortes⁹. Porém, essa análise é demasiado simplista, ressalta o autor e não consegue explicar a complexidade do fenômeno, que a cada dia atrai mais adeptos¹⁰. Para Roque (2009) a violência das *pandillas* é, na verdade, despolitizada e desconsiderada em sua raiz: a marginalização do jovem da periferia latino-americana, em relação às possibilidades de ascensão social e de reivindicação enquanto ator político.

O recrutamento juvenil pelas gangues está fortemente associado ao que Briceño-León denomina de “*la outra crisis social de la America latina*”, (1999) isto é, uma crise de desesperança que toma conta especialmente dos jovens, cujos ascendentes emigraram do campo para a cidade ou para o exterior, principalmente para os Estados Unidos, em busca de melhores condições de vida, mas que acabaram vivenciando uma situação de privação e de marginalização.

O percurso dessa crise, narrado por Briceño-León, se inicia com o advento da industrialização e a emigração de camponeses e colonos estrangeiros para as cidades mais desenvolvidas, em busca de inserção no mercado de trabalho e de acesso a serviços urbanos, especialmente, de saúde e de educação. Todavia, a maior parte desses migrantes não conseguiu realizar o seu objetivo, especialmente os que emigraram a partir do período pós-guerra, quando houve recessão econômica, desindustrialização, desemprego, precarização das condições de trabalho e do sistema escolar. Assim, ao invés de melhorarem de vida e conseguirem se inserir no sistema capitalista, muitos acabaram encontrando uma situação de

⁹ Conforme Wolf (2008, apud Roque, 2009, página 28) a imprensa dominante promoveu a estigmatização das *pandillas* por meio da caracterização da violência cometida ou não por tais grupos e pela associação de seus atos à irracionalidade e a uma cultura satânica.

¹⁰ The U.S. Southern Command estima que cerca de 70.000 pessoas sejam envolvidas com as gangues na América Latina. (*HOUSTON CHRONICLE*, 2005, apud RIBANDO, 2014, p. 1).

desemprego e de não acesso aos serviços urbanos, o que repercutiu na precarização dos seus modos de vida e numa situação de insegurança social. Privadas de renda e de trabalho, essas famílias acabaram concentrando-se nas zonas mais periféricas da cidade e dedicando-se a uma economia marginal, que viu nas atividades ilícitas a possibilidade de ascensão social, uma vez que a ascensão promovida pelo acesso à educação e ao trabalho se tornou praticamente inacessível.

Apesar de aliados do mercado formal de trabalho e dos bens capitalistas, as primeiras gerações de migrantes que ocuparam as periferias urbanas traziam consigo seus códigos morais tradicionais e reproduziram, em seu novo ambiente, a regulação social típica de suas instituições (escola, igreja, família e comunidade), conseguindo manter a coesão social. Porém, o mesmo não aconteceu com as gerações futuras que, devido ao contato maior com novos códigos culturais e a degradação de suas condições objetivas de vida - com o acirramento da segregação social, do adensamento populacional e da legitimação tácita dessa situação pelo poder público não lograram manter consigo seus códigos e organizações responsáveis por regular a vida cotidiana. Tal situação, aliada às transformações por quais passaram a família, a escola e a religião nas últimas décadas, que tiveram sua capacidade de socialização e de controle bastante enfraquecidas, abriram espaço para a desorganização e degradação social¹¹. Somado a isso, houve a ampliação dos desejos de satisfação pessoal e de consumo, os quais, cada vez mais distantes de serem satisfeitos – uma vez que as possibilidades de estudo e trabalho são restritas e, mesmo quando possíveis, raras são as possibilidades de ascensão social – ocasionou uma geração de frustrados. Tal frustração foi aprofundada pela crise do marxismo e do incremento da desigualdade social que abateu a América Latina nos anos de 1980, considerados a “década perdida” que, após décadas alimentando-se da esperança de uma revolução social ou da e uma melhoria de vida coletiva, viu-se desacreditada (BRICEÑO-LEÓN, 1999).

A formação das gangues e o recrutamento dos jovens a esse universo surgem, pois, como consequência de um desenvolvimento capitalista que destrói as sociabilidades tradicionais típicas da vida rural e da pátria natal e não possibilita aos migrantes condições

¹¹Skogan (1992) correlaciona o fenômeno da desorganização social com o declínio comunitário. Segundo ele, quando a comunidade tem seus vínculos de solidariedade e de regulação social enfraquecidos, tal situação favorece o declínio social da mesma, fator atrativo para a delinquência e a criminalidade. Por sua vez, a degradação social também impacta negativamente na coesão e no controle social comunitário, ocasionando uma espiral de declínio na vizinhança, caso a mesma não seja novamente empoderada.

satisfatórias de vida, materiais e simbólicas, tornando os jovens pouco esperançosos em relação ao seu futuro.

Entre los adolescentes y jóvenes, que tienen toda la vida por delante, esto es especialmente grave. Las pandillas juveniles se pueden entender como una respuesta colectiva de los jóvenes a una situación vital insostenible y como un desafío a la sociedad que les niega participación y futuro.” (LIEBEL, 2002, s/p.).

No caso específico das gangues ou *pandillas* centro-americanas, onde se destacam as *maras* salvadorenhas, estas são fruto da incapacidade de inclusão social dos migrantes latino-americanos nos Estados Unidos¹², bem como de um modelo de reconstrução empreendido pelas Nações Unidas após os conflitos armados que tomaram conta de alguns países da América Central Peninsular, como em El Salvador. Para Roque, os programas de reajustamento estrutural promovidos por esse modelo, levam à limitação dos serviços públicos, ao condicionamento das fontes de emprego, às privatizações e à abertura de mercado. Tudo isso contribui para o crescimento econômico e a redução da inflação, mas tais medidas não são acompanhadas do desenvolvimento social e da melhoria nos indicadores de qualidade de vida da população, o que leva milhares de migrantes a dirigirem-se aos Estados Unidos, ambicionando uma vida melhor. Produz-se, assim, uma “paz violenta”, aquela que é baseada na manutenção da violência estrutural, isto é, sustentada pela desigualdade econômica e de poder (ROQUE, 2009).

Esse modelo também não leva em conta os efeitos psicossociais da guerra e seu impacto na mobilização das sociedades, onde muitos laços são rompidos, assim como a esperança de um futuro promissor. A guerra produz desorganização social e privação, gerando um terreno propício para o advento da violência, não mais política, mas agora social. Por isso, as *pandillas* e *maras* são, na opinião de Roque (2009), frutos das próprias políticas governamentais, que tornaram os jovens vulneráveis ao envolvimento com a violência e os ensinaram as táticas de guerra, que hoje são usadas por eles na formação e condução das gangues, qual seja, a sedução e a repressão:

Esses grupos de jovens, tatuados, com gestos e códigos estranhos, com hábitos distintos e que travam entre si uma luta sem fim, são o rosto visível de uma guerra de pobres contra pobres, em que são vítimas e carrascos,

¹²Grande parte das gangues latino-americanas surgiu nos bairros de imigrantes da Califórnia, nos EUA, sobretudo em Los Angeles, fruto da exclusão social que ali vivenciaram. (ROQUE, 2009).

mantida pelo projecto de paz violento, de despolitização da violência e da desesperança. (ROQUE, 2009, P. 15-16).

As *pandillas* emergem, portanto, num contexto de exclusão e privação e se tornam uma forma de sociabilidade muito comum entre a juventude das classes marginalizadas, em especial, dos imigrantes e seus descendentes. Porém, até a década de 1970, seu universo era interpretado tão somente, como o espaço de sociabilidade entre os rapazes das classes populares que os concedia certas licenças, como o uso de bebida alcoólica, as disputas por domínio do grupo e das garotas, combinado com a prática de alguns atos associados à delinquência juvenil. Seus membros eram conhecidos como grupos de esquina, “*niños de la calle*” (MAUGER, 2011).

É a partir da década de 1980 que o fenômeno se intensifica, passando a recrutar cada vez mais membros, incluindo as mulheres¹³ e constitui-se nas gangues propriamente ditas, reunindo para si uma combinação de elementos que os caracteriza: a identificação e o controle de territórios, o emprego da violência nos ritos de admissão¹⁴ e nos confrontos com os grupos rivais (gangues inimigas, grupos de extermínio e a polícia) e a adesão a um código moral próprio, cujo desrespeito implica em castigos graves, em alguns casos até a morte. As *pandillas* possuem ainda, seus próprios códigos culturais, como forma de contrapor-se ao restante da sociedade, demarcando o seu território e identidade. Seus membros costumam tatuar o corpo com as iniciais da gangue, usar determinados penteados, gestos e vestimentas, além de um vocabulário próprio, que serve para comunicar com os seus filiados e rivais. Também é frequente entre as gangues a associação ao tráfico de armas e entorpecentes e a prática de assaltos, extorsões e homicídios, como forma de conquistar recursos materiais e dar mostras de seu poder. Algumas gangues, inclusive, constituem-se como verdadeiras organizações criminosas (RIBANDO, 2005), razão pela qual se tornam um grande problema de segurança pública para alguns países, como é o caso de El Salvador, em que cerca de 60% dos homicídios ocorridos no ano de 2004 estavam relacionados às *maras* (HOUSTON CHRONICLE, 2005, apud RIBANDO, *ibid.*, p. 2).

¹³Estima-se que a proporção de mulheres nas *maras* salvadorenhas seja de um terço. (LIEBEL, 2002).

¹⁴Entre os homens, os ritos de admissão são bastante violentos e objetivam testar a força, a coragem e a resistência do aspirante. Enquanto na M-18 os jovens apanham por 18 segundos, na MS-13, a sessão de espancamento dura os treze segundos identificados à *pandilla*. No caso das mulheres, além de brigas, os ritos costumam envolver a realização de favores sexuais, *donación de amoreltrencito*. (BALLESTEROS DE VALDERRAMA *et al.*, 2002).

Entretanto, não é a prática de crimes e envolvimento com as drogas o que caracteriza fundamentalmente as gangues e justifica o recrutamento dos jovens a seu serviço (LIEBEL, 2002), ainda que assim considere grande parte da população, incluindo as autoridades políticas e judiciais. Inclusive, nem todos os *pandilleros* usam entorpecentes ou praticam atos criminosos. O que caracteriza a gangue enquanto tal é a participação em brigas com os grupos rivais, das quais todos os seus membros tomam parte e cujo desempenho é essencial para o reconhecimento dentro do grupo, funcionando como *démarche* de seu domínio territorial e poderio local.

As *pandillas* não surgem com intuito de romper as leis (LIEBEL, *ibid.*), mas como um grupo de amigos que buscam fazer tudo em conjunto. O vínculo com a gangue e com o bairro, que muitas vezes é o que define o pertencimento à primeira, é a principal fonte de sociabilidade e de pertencimento para esses garotos e garotas. A *mara* torna-se sua família. O pertencimento a ela deriva do desejo do jovem de obter o seu espaço, de criar uma rede de solidariedade recíproca e uma comunidade na qual seja protagonista, ao contrário do que ocorre na sociedade, que o discrimina, em razão de sua idade, de sua condição social, de sua ancestralidade, de sua aparência física. Se o *pandillero* faz uso da violência, é porque ele a vê como o único recurso disponível para tornar-se sujeito e ser reconhecido em sociedade. A violência é o seu passaporte para a visibilidade social (SOARES, 2003). Os *mareros* aprenderam que, ante a discriminação e a exclusão que sofrem, precisam se somar para se afirmar, e violentar para se fazer respeitar. Entendem sua gangue como uma vingança contra uma sociedade injusta e desigual, que não lhes dá oportunidade de ser e de ter o que querem. Quando eles se reúnem se sentem confiantes para ser o que desejam e quando tomam parte dos bens alheios para satisfazer suas necessidades próprias, os veem como uma atitude legítima e contestatória diante do mundo que lhes marginaliza e oprime.

La reacción del pandillero em un mundo en el que él no es nadie, es atacar, dominar el barrio, someter porque está sometido, demarcar um territorio porque vive em el desarraigo, asociarse a una institución que dota de identidad porque se carece de ella. El pandillero aspira a dominar em un entorno que lo excluye. (José Luis Rocha, s/d, apud LIEBEL, 2002 s/ p.).

Meter-se com uma gangue significa, pois, envolver-se num grupo de solidariedade mútua que se nutre da violência e do revanchismo para com os grupos rivais, incluindo aqui a sociedade de forma ampla. Significa também conseguir proteção em relação a tais grupos, que lhes oprimem. “Paradoxal é que justamente esta busca de proteção irá vitimar a maioria

desses jovens em conflitos com membros de outras gangues.” (BEATO, s/d, p. 15). Portanto, há um preço alto a que se pagar pelo pertencimento às *pandilla* se gozar dos benefícios materiais e simbólicos, bem como da suposta proteção que elas oferecem aos seus membros. Tal preço é o que intitula o documentário aqui retratado e a música de sua trilha sonora, que lhe é homônima: *La vida loca*. Quer dizer, além da perseguição e da discriminação que sofrem da sociedade por serem vistos como agressores em potencial, ser um *marero* significa viver uma vida loca, como bem é descrita na canção: “*La vida loca es morir hoy o mañana bien [...] conviviendo com la muerte sin saber cuando te toca...*.” (Música La Vida Loca, 2008a).

Viver uma vida louca, para os jovens latino-americanos que fazem parte das *pandillas*, como as *Maras* Salvadorenhas, significa levar uma vida incerta, que pode ser findada a qualquer momento e que, apesar disso, não significa o fim do grupo nem de sua ideologia, sequer da vida, uma vez que “*el alma vive outro dia*”. (Música La Vida Loca, 2008). A morte é temida, mas é também vista como um ato de heroísmo pelos membros de uma gangue, cuja vida se define pela possibilidade diária de matar ou morrer. A morte, para esses jovens é dotada de sentido, assim como seu envolvimento nas *pandillas*. Se o jovem ingressa a uma dessas gangues, se corre o risco iminente de ter sua vida roubada a qualquer momento, é porque vê mais vantagens do que desvantagens em delas participar. Seu envolvimento nada tem de irracional, ou de satânico. Ao contrário, sua filosofia revela o afeto e a fidelidade aos seus, à sua identidade e à sua *causa*:

“Por que así está escrito y así se va vivir y si nosotros nos metimos a la pandilla es por siempre por una causa, y la causa es morir o vivir, por mi madre vivir, por mi barrio morir.” (POR MI MADRE VIVIR, POR MI BARRIO MORRIR, MAÑAS DE GANQUEROS.)

Tamanha fidelidade a esse projeto, não é gratuito, tem sua causa, e a causa é que esses jovens não veem outra opção de vida a não ser *la vida loca* que levam. Porém, se vivessem em outro contexto político e social, muitos desses *mareros*, supostamente, encontrariam outras formas menos violentas e destrutivas de se expressar e fazer valer seus desejos e pontos de vista. Muitos deles, inclusive, são bastante receptivos a soluções alternativas para os seus problemas, desde que sejam considerados e respeitados em sua autonomia e dignidade. (BALLESTEROS DE VALDERRAMA et al. 2002). Quem sabe, assim, pela implementação dessas soluções alternativas, o desfecho de milhares de jovens salvadorenhos e demais latino-

americanos envolvidos nas *pandillas* seja outro, não um final semelhante ao do idealizador do documentário aqui retratado, que também foi assassinado precocemente, antes mesmo do seu lançamento (DIÁRIO DO GRANDE ABC, 2009). Um final em que a causa não seja morrer ou matar, mas viver uma paz verdadeira, isto é, uma paz promovida com democracia, igualdade e justiça.

Recebido em Setembro de 2015
Aceito em Fevereiro de 2016

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BALLESTEROS DE VALDERRAMA *et al.* La pandilla juvenil. **Revista Internacional de Psicología Clínica y de Salud/ InternatioanlJournalofClinicaland Health Psychology**, 2002, vol2, n. 2.

BEATO, Cláudio. *Estudo de Caso: “Fica Vivo” Projeto Controle de Homicídios em Belo Horizonte*. CRISP – Centro de Estudos em Criminalidade e Segurança Pública – UFMG. Disponível em: <HTTP://nusun.org.br>. Acesso em 20 de agosto de 2013.

BRICEÑO-LEÓN, Roberto. Violencia y Desesperancia: La outra crisis social Del America Latina. **Nueva Sociedad**, n. 164, Nov-Dec, 1999. Disponível em: http://nuso.org/media/articles/downloads/2816_1.pdf, acesso em 12 de Novembro 2014.

Documentário “La Vida Loca” terminou em morte. **Diário do Grande ABC**, 2009. Disponível em: <http://www.dgabc.com.br/Noticia/198338/documentario-la-vida-loca-terminou-em-morte>, acesso em 20 de Julho de 2015.

LIEBEL, Manfred. Pandillas y maras: señas de identidad. **Envio**, n. 244, Julho de 2002. Disponível em: file:///C:/Users/anaclara/Desktop/area%20de%20trabalho/gangues/Revista%20Env%C3%ADo%20-%20Pandillas%20y%20maras_%20se%C3%B1as%20de%20identidad.html, acesso julho de 2015.

MAUGER, Gérard. Por que as gangues atraem os jovens? **Le Monde Diplomatique Brasil**, Maio 2011.

RIBANDO, CLARE. Gangs in Central America. **Congressional Research Service**. February, 2014. Disponível em: <https://www.fas.org/sgp/crs/row/RL34112.pdf>, acesso em julho de 2015.

Silva, Roque. **Percursos da violência pós-guerra em EL Salvador**, uma introdução. Disponível em: <http://cabodostrabalhos.ces.uc.pt/n3/ensaios.php>, acesso em julho de 2015.

SKOGAN, Wesley G. **Disorder and Decline: crime and the spiral of decay in American Neighborhoods**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1992.

SOARES, Novas Políticas de Segurança Pública. **Estudos Avançados**, vol.17, n. 47, 2003.

REFERÊNCIAS AUDIOVISUAIS

La vida loca, 2008a. Música. Trilha sonora do Filme de Christian Poveda. Sebastian Rocca e Yuri Buenaventura. Produção, Composição e arranjos: Sebastian Rocca. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=iPum2skdWbU>, acesso em 20 de Julho de 2015.

La vida loca, 2008b. Documentário. Direção e Roteiro: Christian Poveda. Produção: Carole Solive, Luis Bellaba, Emilio Maill, Gustavo Angel. Música: Rocca. França/Espanha/ México. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=fW7IzR_inpk, acesso em 20 de Julho de 2015.

Por mi madre vivir, por mi barrio morir. Música. Maña de Gangueros. S/D. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=3dWATs24zc0>, acesso em 20 de Julho de 2015.